

## América Latina transterritorial: percursos em fronteiras fluidas

Maria Luiza Calim de Carvalho Costa<sup>1</sup>

**Abstract** — *Contemporary artists have proposed repositioning of the view as a psicogeographics, routes of drifts, affectives maps, subverting the physical, historical, political and social places in the global mapping. The Chilean artist Eugenio Dittborn with their "Airmail Paintings" that design, sewing, painting and collage are folded and placed in an envelope and sent by post. At your destination, the paint is removed from the envelope, unfolded and hung leaving the marks of the route traveled. The Argentine artist Alicia Herrero in his work "The trip Revolucionário - title inspired by the trip that Ernesto Guevara held in South America, traveled by navigable rivers of South America and composed the work in the form of a" novel navigated "where each chapter is a port route. As the river of Heraclitus, the writing of "novel navigated" composes processes transposing borders.*

**Index Terms** — *Latin America, contemporary art, Alicia Herrero, Eugenio Dittborn, 8a. Bienal do Mercosul.*

### INTRODUÇÃO

As fronteiras, no universo da arte, estão cada vez mais fluidas, diferentes das delimitações físicas de nações, as tecnologias da comunicação criaram territórios simbólicos artísticos. Os fluxos culturais ampliam diálogos transculturais ao passo que se busca entender as novas acomodações que culturas locais tem que fazer para recompor suas identidades e ao mesmo tempo estarem em conexão com o mundo globalizado.

Nesse terreno movediço das transformações do mundo contemporâneo, muitos artistas desenvolvem suas poéticas recriando ou propondo repensar os espaços e suas fronteiras.

Diferentemente dos discursos hegemônicos consolidados das forças de mercado que organizam territórios através das forças políticas e de consumo, a arte propõe um olhar poético-estético e crítico sobre os territórios e suas fronteiras.

Como psicogeografias, rotas de derivas, mapas afetivos, artistas contemporâneos tem proposto obras processuais onde a representação do lugar físico, histórico, político e social pode oferecer pontos de encontro, linhas de fuga e reposicionamentos de olhar sobre o objeto.

Obras de artistas latino-americanos compõem o corpus de uma pesquisa que temos realizado desde 2010 intitulada "Sulear: Incursões Visuais Latino-Americanas" cujo objeto é a América Latina mestiça, híbrida e heterogenia - no que tange nosso desenvolvimento econômico, e acessibilidade

aos bens de consumo onde centros de excelência tecnológica avizinham-se à miséria e exclusão- apresentada pelos olhos sensíveis da arte. Refletir como estão sendo reorganizados sob a forma de consumo nossos modos de vida e modos de ver através da difusão transcultural nesse contexto de globalização.

Novamente trazemos a pergunta que buscamos com nossa pesquisa: Que cartografia é essa que se redesenha? Como pensar nesses mapas simbólicos diante de uma América Latina diversa, mas que enfrenta o assédio insistente da contemporaneidade globalizada? Elegemos o percurso da linguagem ambígua e poética da arte como labirinto especular onde o leitor/espectador contemporâneo escolhe os territórios onde pisará a partir de um mapa que ele mesmo terá que construir.

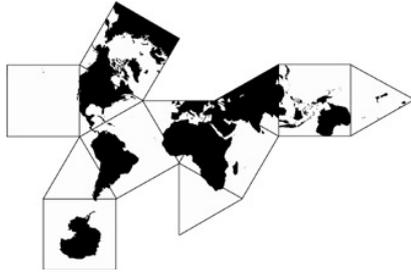
Para esse artigo, recortamos da pesquisa o artista chileno Eugênio Dittborn com suas "Pinturas Aeropostais" que misturam desenho, costura, pintura e colagem são dobradas e colocadas em um envelope e enviadas por via postal. No seu destino, a pintura é retirada do envelope, desdobrada e pendurada deixando as marcas do percurso percorrido, e selecionamos também a artista argentina Alicia Herrero em sua obra "A viagem Revolucionário! - título inspirado na viagem que Ernesto Guevara realizou pela América do Sul- viajou por rios navegáveis da América do Sul e compôs obra no formato de uma "novela navegada" onde cada capítulo é um porto do percurso. Tal como o rio de Heráclito, a escrita da "novela navegada" compõe processos diluentes de fronteiras.

### ENSAIOS DE GEOPOÉTICAS

"Os mapas simbólicos se modificam, embora as fronteiras geopolíticas persistam"... (CANCLINI, 2008, p. 47).

Após Joaquim Torres García inverter a posição do mapa do continente, situando a América do Sul ao norte com um mapa-manifesto que ilustra um artigo de Torres García de 1935, onde o artista uruguaio defende a criação de uma "Escuela del Sur"; o inventor, arquiteto norte-americano Richard Buckminster Fuller propõe, em 1946, o seu Domo Geodésico - o *Dymaxion Map*, um mapa-múndi inscrito em um *cubeoctaedro*- com a proposição de romper com a convenção cartográfica ocidental.

<sup>1</sup> Maria Luiza Calim de Carvalho Costa, Professora Doutora- Faculdade de Arquitetura Artes e Comunicação- Unesp- Universidade Estadual Paulista, Av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, 17043-00, SP, Brasil, marialuiza@faac.unesp.br



MAPA-MÚNDI DE BUCKMINSTER FULLER

Com essa configuração Fuller propõe um novo olhar para o mundo, onde norte e sul, acima ou abaixo não existem.

A Bienal do Mercosul vem pensando nessa questão dos mapas simbólicos como se pode ver nessa última edição do evento, a 8ª Bienal do Mercosul: Ensaios de Geopoética realizada de 10/09 a 15/11/2011 na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Já no projeto gráfico dessa exposição evidencia-se a questão, onde o "oito" é a decomposição do sólido de Fuller, trazendo a idéia de uma nova configuração cartográfica em constante reconfiguração: "a noção de Estado-Nação foi substituída – ao menos em termos de autonomia política – por organizações supranacionais e transregionais, quase sempre motivadas por conveniências econômicas" (DETANICO ; LAIN, 2011, p 28)



DETANICO, ANGELA E LAIN, RAPHAEL.  
PROJETO GRÁFICO DA BIENAL DO MERCOSUL:  
ENSAIOS DE GEOPOÉTICA

José Roca, curador geral da 8ª Bienal do Mercosul: Ensaios de Geopoética, em seu texto de abertura do catálogo da exposição fala sobre o tema do evento que "é território e sua definição crítica desde uma perspectiva artística em termos geográficos, políticos, culturais e econômicos" onde artistas trazem em suas poéticas questões como mapeamentos, colonizações, fronteiras, aduanas, tratados, alianças transnacionais, construções geopolíticas, lugares, viagens, comunidades (ROCA, 2011, p.43).

O projeto curatorial de José Roca e equipe traz ao público algumas perguntas:

Quais são as alternativas à noção convencional de nação? Pode haver cartografias que não estejam ao serviço da dominação? É possível posicionar o irredutivelmente local como alternativa à globalização? Que tipo de cidadania ocorre em um território não urbano? Qual é o *status* político de uma nação ficcional? Qual é a relação entre viagem e colonização? (ROCA, 2011, p. 44).

A exposição ocupou vários pontos da cidade de Porto Alegre com espaço central nos pavilhões do cais do Porto. ZAP – Zonas de Autonomia Poética, são como foram intitulados os pavilhões no Cais do Porto, com proposição de explorar "diferentes aspectos das ideias de Estado e Nação, suas retóricas visuais (mapas, bandeiras, escudos, hinos, passaportes, exércitos) e suas estratégias de autoafirmação e consolidação de identidade"(ROCA, 2011, p.44).

Nacionalismo é tema recorrente quando se fala de América Latina, com sua história de colonização e sua conformação de países americanos após as lutas por independência. A questão da exposição não é acirrar visões nacionalistas, ao contrário é trazer a reflexão sobre a criação de entidades transterritoriais e supraestatais que colocam em jogo a noção de nacionalidade que contrastam com as noções de nação estabelecidas por dois séculos na conformação dos países americanos após suas independências.

Toda nação é, de certa maneira, uma ficção, posto que o que a caracteriza como tal, em um sentido ontológico e incontestável, foi definido culturalmente com o fim de dar a um grupo humano uma série de características que lhes permita se identificar como conjunto. E, por ser uma criação, as características de nação podem ser redefinidas criticamente. Alguns artistas compreendem que esse caráter ficcional se presta para especulações criativas e, em consequência, os tópicos de nação, nacionalidade, estado, país e território vêm sendo uma preocupação na arte nas últimas décadas. O tema tornou-se atual nos últimos anos na América Latina devido às comemorações do bicentenário de independência (ROCA, 2011, p. 42).

São essas estratégias poéticas de romper fronteiras, repensar os territórios sob outras bases que não as convencionais, ou melhor, olhar criticamente para as relações entre poderes do mundo globalizado e culturas locais que artistas como Eugênio Dittborn e Alicia Herrera desenvolvem suas poéticas colocando em diálogo tradição e ruptura, local e o transnacional. Propõem viagens no espaço e no tempo para construir ensaios geopoéticos para América Latina.

### EUGÊNIO DITTBORN E ALICIA HERRERA

O chileno Eugênio Dittborn (Santiago do Chile, 1943) desde a década de 80 vem trabalhando com suas "Pinturas aeropostais". Essas obras cujo suporte na maioria das vezes é papel Kraft, entretela ou lona em grandes dimensões que dobradas e inseridas em envelopes são enviadas em envelope postal. A cada local em que é enviada e exposta junto ao envelope, fica o registro por onde a obra passou.



EUGÊNIO DITTBORN (SANTIAGO DO CHILE, 1943)  
AIRMAIL PAINTING NO.91- 1990

THE 11TH HISTORY OF THE HUMAN FACE (500 YEARS)  
PAINT, STITCHING, CHARCOAL AND PHOTOSILKSCREEN  
ON TWO SECTIONS OF NON-WOVEN FABRIC  
210CMX280CM

Em "Airmail Pintura No.91: A 11a. História da Face Humana (500 anos)", o artista compõe sua obra com rostos desenhados pelos pacientes de um hospital psiquiátrico em Santiago do Chile com retratos policiais de criminosos extraídos de antigas revistas de criminologia chilenos além desenhos infantis e imagens de jornais. Combina técnicas mecânicas com os métodos tradicionais, rejeitando as formas convencionais de pintura e os métodos habituais de produção, ao utilizar a fotografia, a serigrafia e litografia offset associada a técnicas mistas como tinturas, alinhavos, costuras, impressões, desenhos, enxertos, dobras...

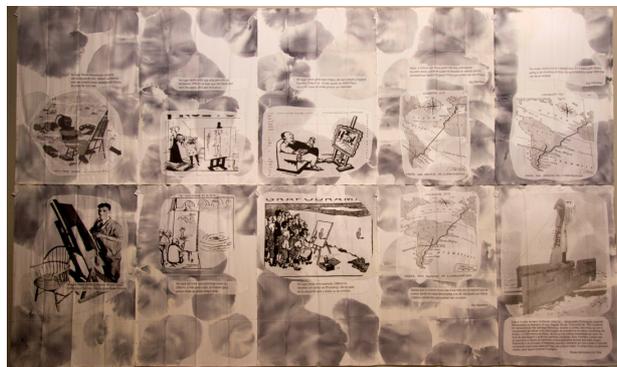
Ao usar imagens de várias fontes históricas deslocando-as de seus contextos originais reorganizando-as acaba por revelar mecanismos de controle e repressão.

Suas pinturas aeropostais acabaram sendo o modo encontrado por ele, enquanto sua terra natal vivia o regime ditatorial de Pinochet (1973-1990), de romper o controle que a produção cultural chilena sofreu. Se, naquele momento, suas pinturas aeropostais construíram caminhos de denúncia em sua forma e conteúdo, passou agora a espelhar os contrastes do mundo globalizado, trazendo a tona as semelhanças e diferenças culturais de cada lugar por onde a obra viaja, é também a possibilidade de atravessar os limites políticos e geográficos e transpor fronteiras.

A 8a Bienal do Mercosul dedicou um espaço especial no Centro Cultural do Santander de Porto Alegre para homenagear a obra de Eugênio Dittborn, onde reuniu um conjunto significativo de pinturas aeropostais e três produções em vídeo. Uma das pinturas é inédita produzida especialmente para a Bienal.

É o resultado de uma viagem que o artista fez durante o mês de março de 2011 para as cidades de Caxias do Sul, Bajé e Pelotas. Intitulada "Ob. It", a obra é composta por dez módulos, medindo 2,1 m x 1,4 m cada um, articulados entre si, que foram desmembrados e enviados por correio para serem expostos em espaços culturais dessas três cidades: no

Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho, em Caxias do Sul; no Espaço da Maia, em Bagé; e no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, em Pelotas.



EUGÊNIO DITTBORN (SANTIAGO DO CHILE, 1943)  
OB.IT, 2011

2,1X1,4M CADA MÓDULO

A obra de Dittborn, à medida em que viaja, carrega em suas dobras relações significativas com o lugar, vai materializando a viagem. Texto e imagem, o visível e o legível convidam o fruidor/leitor da obra a transpor suas fronteiras de certezas, sair de sua linha de conforto para construir o sentido.

Ao ser pintura e carta, ao trazer em suas dobras o percurso, ao evidenciar esse percurso no envelope postal que é exposto juntamente com a pintura aeropostal, Dittborn oferece uma obra em processo onde a cada viagem imanta-se de sentidos. É nesse trânsito que a obra se constrói, é na transposição das fronteiras - a transterritorialidade.

Os limites a que meu trabalho se impõe são os mesmos a que os jogos se impõem a si mesmos: as dobras marcam e quadriculam a superfície das obras de um modo decisivo. Pode-se dizer que as regras do jogo aeropostal - as dobras - estão visíveis (as regras do jogo estão visíveis). Trata-se de limites que possibilitam que as obras vão além dos limites territoriais, políticos e culturais nos quais se produziram (Diálogo escrito por Adriana Valdés e Eugenio Dittborn, 1998, Apud ROCA, 2011, p.484).

A artista Alícia Herrero (Buenos Aires, Argentina 1958), outra artista que expôs na 8a. Bienal do Mercosul de 2011, tem atuado em projetos conceituais onde lança mão de diversos meios - publicações, encontros, instalações, arquivos e vídeos - para evidenciar as contradições entre cultura e capitalismo. A artista argentina busca romper com clichês que comprometem a possibilidade de uma discussão mais profunda sobre a complexidade e dinâmica da arte em tempos de globalização.

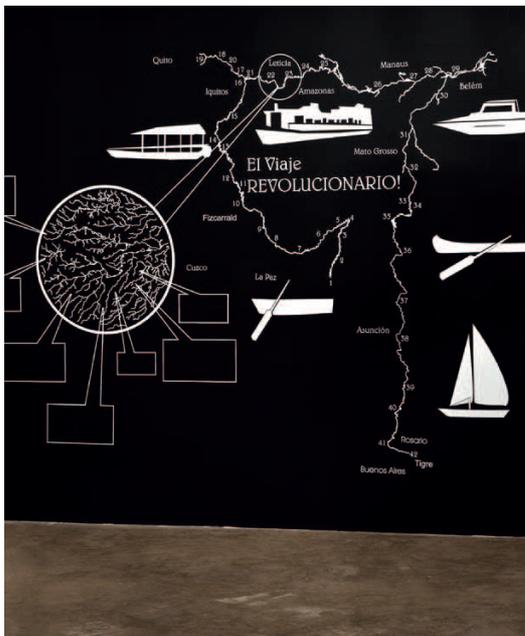
Com um projeto multidisciplinar e processual intitulado "A Viagem Revolucionário! Novela Navegada" Herrera participa da 8a Bienal do Mercosul. Ela realiza uma série de

viagens através dos diversos rios da América do Sul onde compara o transcurso do rio com o processo de escrita. O “romance navegado” é inspirado nos diários de viagem de Ernesto Guevara.

A viagem transcorreu de barco, barçaça ou lança e a escrita construída pela artista é estruturada em forma de romance onde diversos protagonistas - conversas com pessoas de comunidades ribeirinhas - compartilham seus saberes locais.

A obra processual constrói uma progressiva topologia de portos/capítulos a partir do desenho de cartas hidrográficas de rios navegáveis na América do Sul e um cruzamento dos depoimentos de Ernesto Guevara.

Sendo cada capítulo do "romance navegado" um porto, a viagem iniciou do Porto Brais do Rio Beni na Bolívia e terminou em Porto Alegre, Brasil. Foram 46 portos/capítulos, passando pelos rios: Beni, Madre de Dios, Ucayali, Amazonas, Napo, Tapajós, Juruena, Paraguausinho, Paraná, Uruguay, Ibicui, Jacuí e Guaíba.



ALÍCIA HERRERO (BUENOS AIRES, 1958)  
EL VIAJE REVOLUCIONARIO! NOVELA NAVEGADA  
PROJETO MULTIDISCIPLINAR, 2010.  
COLEÇÃO BANCO DE LA REPÚBLICA BOGOTÁ. Cortesia  
Coletivo Tangrama. In Catálogo 8a Bienal Do Mercosul

Para ela, não é mais possível buscar nas relações centro - periferia caminhos para o entendimento da arte latinoamericana, segundo a artista ambos acabam por reproduzir os mesmos valores. Os fluxos das práticas artísticas contemporâneas é que importam pois constroem zonas de combustão. Essas áreas intersticiais, a que se refere a artista, promovem a possibilidade de fricções e construções de topologias onde correntes diversas processam a mistura, a contaminação, a quebra de fronteiras.

Alicia Herrero busca em sua obra investigar a narrativa da arte na cultura e suas relações de poder do capitalismo no mundo globalizado.



ALÍCIA HERRERO (BUENOS AIRES, 1958)  
EL VIAJE REVOLUCIONARIO! POSTER  
8ª BIENAL DO MERCOSUL, LADO B]. 2011.  
OFFSET SOBRE PAPEL.  
In Catálogo 8a Bienal Do Mercosul

São dois artistas sulamericanos em busca de dissolver as fronteiras, repensar os territórios sob outras bases lançando olhares poético/críticos para as relações entre poderes do mundo globalizado e culturas locais.

Herrero e Dittborn com suas viagens compõem mapas afetivos, rotas de derivas e oferecem seus olhares sensíveis acerca das transformações culturais, políticas e sociais e nos leva como fruidores/leitores adentrar suas obras processuais e delas também fazer parte como viajantes da cultura.

## REFERÊNCIAS

- [1] CANCLINI, Néstor García. *Latino-americanos à procura de um Lugar neste Século*. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- [2] DETANICO, Angela; LAIN, Rafael. In *Projeto Grafico*, 8ª Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética: catálogo / coordenação Alexandre Dias Ramos. curador geral José Roca; colaboração de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. Fundação Bienal do Mercosul.
- [3] GRUZINSKI, Serge. *A Guerra das Imagens: de Cristóvão Colombo a Blade Runner (1492-2019)*. trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- [4] HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 11ª edição em 2006,
- [5] ROCA, José. In *Geopoéticas*. 8ª Bienal do Mercosul: ensaios de geopoética: catálogo / coordenação Alexandre Dias Ramos. curador geral José Roca; colaboração de Alexia Tala, Aracy Amaral, Cauê Alves, Fernanda Albuquerque, Pablo Helguera, Paola Santoscoy. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011. Fundação Bienal do Mercosul.